

"Aos irresponsáveis as batatas!"

(Especial para o "Correio do Povo")

3-2-59

GUSTAVO CORÇÃO

Os entendidos no jogo do xadrez político estão dizendo que aquela tal "emenda dos conselheiros", com a qual se pretendia dar assento perpétuo no senado aos ex-presidentes, era apenas uma manobra diversionista, uma espécie de gambito oferecido na ala da Dama, que no caso é a UDN, para preparar um ataque na ala do Rei, que no caso é o exmo. sr. dr. Juscelino Kubitschek. Em palavras menos enigmáticas, parece que os elementos da situação estão mobilizando todos os recursos para conseguir, ao cabo de três ou quatro passes, a emenda constitucional que autoriza a reeleição do atual presidente. E pelo que dizem os bem informados, é do próprio presidente que parte a iniciativa: sua excelência quer ser presidente mais um pouquinho! Ora, foi precisamente neste ponto que amarrei o fio da meditação: um homem é presidente da República, n. s. atua-

is circunstâncias, e quer continuar! Não é a primeira vez que se observa tal fenômeno, mas também não era a primeira vez que se observava a queda de um corpo naquele dia em que Newton viu a maçã cair e começou a divagar.

Procure na proporcionalidade das figuras semelhantes uma analogia, um começo de compreensão, amigo leitor, e diga-me depois como interpreta o caso deste homem que quer continuar a ser Presidente.

Nós outros presidimos o modesto território de nossas famílias. Os habitantes são cinco ou dez. Nós sabemos que um dia teremos de prestar contas diante de Deus por cada um desses poucos habitantes de nosso reinado. Sentimos o peso dessa idéia, e é esse peso, diga-se de passagem, que muitas vezes dá solidez ao bloco abalado. Você é ou não é pai de António? E então? Esse monólogo ou esse diálogo interno elementar, basta muitas vezes para resolver uma trama aparentemente complexa de problemas. Muitas vezes o pai de família geme, sob o peso dessa coisa esquisita chamada responsabilidade. Muitas vezes passa noite sem dormir, inquieto, angustiado. Ora, esse fenômeno não se observa nos personagens que terão de responder pela sorte de sessenta milhões de patricios. Dir-se-ia que o espaçamento, a distancia, a dimensão física, transforma problemas pessoais e humanos em problemas abstratos e algébricos.

Vejam por exemplo as vítimas do nordeste. Na casa de família, a menina que fica doente e põe a mãe aflita se chama Maria Luíza ou Maria Tereza; mas a parte da população que morre à mingua numa região geográfica do país, tem denominação impessoal e vaga: últimas da seca; flegelados-paus de arara. Com a pupila da Fé pode-se ver o Verbo Incarnado na pessoa viva que se aproxima de nós, e assim valemo-nos do próximo para descobrir Deus. Valha-nos agora o Deus descoberto para descobrir o próximo desconhecido, para descobrir o bem comum e todas as suas terríveis implicações. Um vigário do norte escreve os horrores que viu naquela região em que estão acampados os miseráveis e onde morrem não sei quantas crianças por dia; automóveis de chapa branca, automóveis oficiais vindo à noite pegar as meninas que ainda tenham carnes apetecíveis... Elas devem ter nome, essas meninas. E facilmente imagino que os rapazes que usam os automóveis oficiais também que rem continuar nos cargos que lhes asseguram tais vantagens. E aqui paro minha meditação, porque estou vendo diante de mim um Quincas Borba modernizado a clamar: "Aos irresponsáveis as batatas!"